

Personagens femininas na obra *Hitler manda lembranças*, de Roberto Drummond: um retrato de Stela

WALKIRIA FELIX DIAS*

Resumo

O artigo em questão discute a obra *Hitler manda lembranças*, de Roberto Drummond. Um romance ambientado em Belo Horizonte no começo dos anos 80, quando a ditadura agonizava no Brasil. Nesse contexto mistura-se a história de seis personagens que fazem parte de uma lista de 417 futuros desempregados.

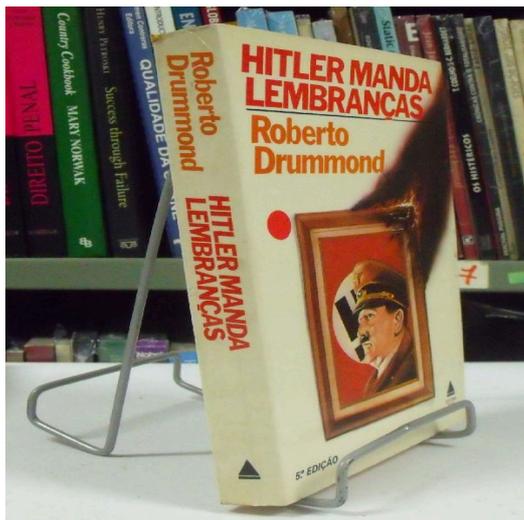
Além disso, os personagens são assombrados pelo que houve na Europa durante o Holocausto. Nesta época, inúmeros judeus fugiram da Europa rumo aos trópicos buscando asilo político no Brasil. Porém, em endereço diferente, continuaram sendo assombrados pelo fantasma de Hitler e pelas memórias angustiantes da Shoah.

A obra é ainda importante se levarmos em consideração as figuras femininas - em especial Stela Mayer - já que representam, dentro desta narrativa de Drummond, as minorias mais sacrificadas e sofridas frente à Shoah e também as mais tenazes na luta pela sobrevivência.

Palavras-chave: Hitler manda lembranças; Roberto Drummond; Stela Mayer; Shoah.



* WALKIRIA FELIX DIAS é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



1. A obra de Roberto Drummond (RD)

Existem pouquíssimos estudos sobre RD, e quando se trata da obra *Hitler Manda Lembranças*, menos ainda, sendo que foi encontrado apenas um artigo da autora Lilian Leles, que comentava especificamente sobre o livro, e outro de Joseph Abraham Levi que discute *Hitler mandam lembranças* e *A travessia*. Por isso, é tão relevante pesquisar e contextualizar o livro e seus personagens, visto que o autor trata de temas não só recentes, mas que também influenciam toda a história do Brasil e do mundo.

Nestes termos, é que melhor podemos enxergar a aproximação da literatura pop de Roberto Drummond com a Arte Pop, uma vez que ambas se valem daquilo que a sociedade massificada oferece para, a partir daí, revelar os mecanismos internos que regem tais sociedades. No caso do Brasil, a literatura pop de Roberto Drummond mostra que aqui se viveu, na ordem do cotidiano, num contexto de dupla violência: a *real*, imposta pela ditadura militar e a *simbólica*, imposta pela indústria cultural. (A literatura pop de Roberto Drummond, 2008, p. 139).

Para Guelfi (1994, p.10), a obra de RD é importante, uma vez que ela retrata o pós-modernismo no que ele tem de mais

apurado, tais como “as propostas alternativas de contestação, o cinismo, a luta das minorias e a questão das novas identidades”. Joseph Abraham Levi também toca nesse ponto, ao lembrar que os críticos brasileiros têm chamado as obras de Drummond de populares e provocatórias, além de serem um alerta contra qualquer tipo de autoritarismo:

Roberto Drummond não tinha nenhum liame com o Judaísmo. A sua proximidade aos assuntos judaicos provinham do seu interesse pela liberdade contra qualquer tipo de opressão, particularmente o nazismo e a ditadura brasileira. Os ideais socialistas de Drummond – uma constante em toda a sua produção literária e, conseqüentemente, causa de algumas controvérsias ocasionais –, juntamente com o seu desejo de explorar o aspecto popular da sociedade brasileira, são portanto responsáveis por esta atenção particular aos assuntos judaicos, como no caso do Holocausto e das suas repercussões no Brasil. (LEVI, Joseph Abraham, 2009, pág. 115)

Silva 2011, acredita que a ficção de RD destaca-se como uma das mais consistentes, sendo ela um romance contrastado com o realismo crítico típico dos anos oitenta, ainda sem dispensar abordagens relacionadas ao engajamento político. Segundo o autor, a carnavalização de RD pode ser percebida na tentativa do autor em apresentar a história contada às avessas, ora pela ótica do revolucionário e ora pela ótica do elemento popular – elemento este que sempre esteve presente em suas obras - e ainda ora pela perspectiva da ditadura militar, sem explicitar uma verdade única. Fazendo com que o leitor indutivamente interprete a partir de seus livros, fatos históricos e suas conseqüências para o presente.

O romance *Hitler manda lembranças* é essencialmente brasileiro, tal como o autor, porém esse amor pelo país não fez com que RD amenizasse verdades, ou fantasiasse um Brasil perfeito. Evidência disso é a divisão do livro em sete ringues e seis intervalos, relacionando a história a um ringue de boxe. O livro fala sobre um Brasil pós Segunda Guerra Mundial, que abrigou não só judeus vítimas do Nazismo, mas também antigos soldados da SS (Esquadrão de Proteção Nazista), da Gestapo (Polícia Secreta do Estado Nazista) e um médico em especial: Dr. Josef Mengele. Mengele foi médico nazista responsável pelo campo de concentração de Auschwitz, atualmente lembrado pelas atrocidades e experimentos que fez com pacientes prisioneiros. No romance há um personagem baseado em um médico real de mesmo nome e que aparece na história através do imaginário do personagem judeu Adam Cohen.

Segundo Silva 2011, frequentemente em *Hitler manda lembranças* RD mescla o discurso erudito ao popular e a expressão lírica à prosaica, deixando de lado a linearidade e pluralizando a narrativa.

O livro retrata a pós-guerra, período em que o Brasil afundou-se em uma grande crise que o obrigou a recorrer ao FMI, em consequência, a empresa multinacional sediada em Belo Horizonte, *Brasil Corporation*, precisou despedir uma quantidade significativa de funcionários. E toda a trama se desenvolve em torno dessa crise e das vivências pessoais dos personagens que estão nessa lista de futuros desempregados. Entre eles, está Stela – personagem que analisaremos mais profundamente em seguida.

A obra ainda retrata nessa época o surgimento de um novo cargo: o cobrador (graças à crise e à quantidade

de pessoas endividadas) e o *boom* da procura pelos analistas e psicólogos.

Segundo Medina, em seu artigo “De radical pop, a sereno realista, 1996” *Hitler Manda Lembranças* foi o primeiro livro não Pop do autor. O livro, segundo Oliveira 2008, um experimentalismo de denúncia e duras críticas à esquerda brasileira.

Mas quando a terra começou a tremer debaixo de nossos pés, mais preparados para dançar ou jogar futebol do que para marchar nas passeatas, era como se nossa mãe coletiva estivesse agonizando: a mãe de cada um de nós”. (Roberto Drummond, *Hitler Manda Lembranças*, 1984, p. 157).

Em “Um retrato da Shoah no romance *Hitler Manda Lembranças*”, de Roberto Drummond, Leles 2008 afirma que o autor fala sobre a Segunda Guerra Mundial, ditaduras militares, conflitos sociais, teatro e diferenças culturais e ainda ressalta que o tema que mais se destaca e entrelaça toda história é a Shoah. Isso ocorre, devido ao fato de que os personagens do livro estão, de alguma forma, relacionados com o Nazismo, seja como vítimas de Hitler, vítimas da ditadura, ou vítimas da crise econômica vigente no país dos anos 80, época que o livro de RD ambientado em Belo Horizonte, se passa.

Portanto, segundo a autora, os personagens judeus do livro estavam aprisionados em suas memórias relacionadas à Shoah.

O romance *Hitler manda lembranças*, de Roberto Drummond, narra as histórias, os medos, as lembranças e as relações pessoais de seis dos funcionários da multinacional: *Brasil Corporation*, que estão prestes a serem despedidos devido a uma crise econômica enfrentada pela empresa e pelo país. Na

trama, os personagens judeus: Adam Cohen (um dos seis funcionários) e Stela Mayer (amante de Paulo Franz que também faz parte desses seis funcionários) vivem aprisionados às suas memórias. As relações deles com a sociedade e suas perspectivas de vida serão, intensamente, influenciadas pelas lembranças de boas e atroz experiências (LELES, 2008, Editado).

Slauvutzky, em 2009, em *Sobre os afogados e os sobreviventes* (Livro do Primo Levi) fala um pouco sobre esse “relembrar a Shoah”, e sua fala ilustra muito bem o que os personagens do livro de RD sentem em relação a seu passado:

Um amigo contou que não estava mais lendo sobre a Shoá. Em geral é assim, há épocas em que se lê e outras em que se deseja esquecer as histórias tristes e pesadas que o povo judeu passou durante o nazismo. Ora nos sentimos com o dever da memória, ora não queremos mais saber desse dever (SLAVUTZKY, 2003) É difícil manter o interesse por uma das maiores tragédias da História, logo queremos saber e também não queremos. Como Primo Levi escreveu em *Os afogados e os sobreviventes*, “se pudéssemos sofrer os sofrimentos de todos, não poderíamos viver” (LEVI, 1990). Entretanto, nos últimos anos aumentaram os museus sobre os campos de extermínio, bem como surgiram novos livros e filmes. A Shoá segue desafiando o conhecimento, e sempre surgem novas informações, novos ângulos sobre o enigma da crueldade. (SLAVUTZKY, 2009, pág. 121)

Igel, em 1997, afirmou que existem algumas características em comum nas obras da literatura brasileira que abordam a Shoah, como por exemplo: testemunhos, manifestações do

imaginário, emocionais e intelectuais que partem das lembranças do passado dos personagens, enfim, o que define suas ações futuras. (LELES, 2008, Adaptado). O livro de RD se encaixa nessa descrição a partir das ações de Cohen e Stela:

Segundo Igel, a memória de um sobrevivente da Shoah, na literatura brasileira, é narrada através das lembranças das experiências-limite vividas na Catástrofe e dos tempos felizes anteriores a ela. A vida de Cohen e Stela, como foi dito anteriormente, é, intensamente, influenciada por essas lembranças. A memória desses personagens é, portanto, a reconstituição de traços da Shoah a partir das suas vivências e lembranças do passado. Vivências fictícias que remontam a maneira pela qual os sobreviventes da Shoah lidariam com as mais aterrorizantes experiências. (LELES, 2008)

O romance *Hitler manda lembranças*, foi então, a contribuição de Drummond, para a memória das pessoas que sofreram na Shoah. O romance, segundo Levi 2009, ao mesmo tempo em que representa a opressão associada a Hitler e ao Nazismo, retrata características e aspectos socioculturais peculiares da cultura e da realidade brasileira e ajuda os leitores a refletirem sobre uma consciência nacional coletiva, unida contra qualquer tipo de opressão.

O desejo humano de lembrar e a necessidade de contar aquilo que tem acontecido, assim como a determinação de continuar a viver, são, portanto o melhor legado humano que os sobreviventes do Holocausto poderiam deixar à nova geração de judeus nascida na diáspora, incluindo, como neste caso, o Brasil. (LEVI, 2009, pág. 120)

Apesar de não ter laços diretos com o judaísmo, o autor era contra injustiças

sociais e tentava por meio de sua literatura crítica e alegórica, abrir os olhos do povo para que possíveis novas catástrofes fossem evitadas. A história do livro se passa na época em que a ditadura militar agonizava no Brasil, onde famílias também foram despedaçadas e vidas arrancadas de seus lares; não tão intensamente quanto na Alemanha nazista, porém, não menos importante, uma vez que o sofrimento de um povo não é algo mensurável.

2. Adolf Hitler e o holocausto

A palavra holocausto, em sua origem advinda do grego, significava "sacrifício pelo fogo", mas na modernidade denota a perseguição e o extermínio sistemático de milhões de judeus, apoiados pelo governo nazista alemão, que justificava essa atrocidade em uma suposta supremacia da raça ariana. Não só isso, mas o país passava por um surto de nacionalismo que excluía as minorias, e a rejeição aos judeus nessa época aconteceu em grande escala devido ao fato que não só estavam fora de seu país de origem, mas também não tinham nenhuma nação ou pátria que os defendesse.

Para Lesser 1995, o Brasil foi um grande refúgio para os judeus a partir do fim da Primeira Guerra mundial, já que o nosso país precisava da habilidade desses povos nas atividades financeiras e urbanas. Além nisso, nosso país não tinha definida uma cota para a entrada de imigrantes, sendo assim, até o final da Segunda Grande Guerra, a imigração aumentou consideravelmente.

Hitler foi uma autoridade carismática chave na “Solução final” ou Holocausto. Isso foi resultado de uma série de elementos, porém um fator de grande peso foram seus discursos antissemitas, uma vez que ele era dotado de um grande domínio da oratória.

Nas últimas décadas muito se discute a respeito dessa participação do ditador

nesse ponto da história: há quem o enxergue como um fator essencial no desenrolar dos acontecimentos e quem acredite que ele foi apenas uma das peças. (PEREIRA, 2013).

Além disso, o livro *Hitler – Um perfil do poder* de Ian Kershaw explica a atual demonificação que acontece em torno da figura do *Führer*: Os alemães esperavam por um messias para salvá-los da conturbada realidade que assombrava a Alemanha. Realidade consequente do tratado de Versalhes e da crise de 29 que devastou o país. Devido à isso, quando tudo aconteceu, tanto quanto antes tinha sido visto como um messias, posteriormente, foi visto como a personificação do mal.

Em virtude disto, na obra *Hitler manda lembranças*, Hitler aparece através do imaginário dos personagens que foram direta ou indiretamente afetados por ele. Sendo assim, um personagem fictício, comparado pelo autor com outros personagens como o próprio diabo. “Hitler está vivo como o demônio no coração dos homens” (DRUMMOND, 1984, p. 56).

Portanto ambos, o diabo e o Hitler de Drummond são advindos do imaginário do homem e toda a bagagem de vida que os posicionou no lugar onde estão no tempo presente. E existem à fim de atormentar a – inalcançável, porém tão buscada – paz.

Drummond tem também uma interpretação própria sobre a Shoah que, segundo Levi (2009), enquadra-se no contexto da literatura brasileira sobre o genocídio do Povo de Israel. O autor afirma ainda que, para RD, a realidade brasileira não se dissocia do dilema e o trauma do Holocausto – apesar da distância geográfica em que nos encontramos da Alemanha. Levi (2009), nesse mesmo texto, ainda cita Luís Fernando Emediato:

Segundo Emediato, o método narrativo de Drummond é enriquecido não só pela gravidade do assunto, mas também pelo uso do «stream of consciousness», pela inclusão de poesia, pela inserção de excertos de diários pessoais e, mormente, pela sensação que o leitor tem ao ler uma história completa, do início até quase ao fim. Apesar de a história se encontrar subdividida em muitas sub-histórias, este tipo de narração fragmentada, de facto, ajuda o leitor a compreender os eventos históricos, a reconhecer e, obviamente, a combater o Mal. a história não tem um fim/uma conclusão típica porque o fim é o presente, é uma acção revigorada e livre da memória do passado”. (LEVI, 2009 p. 120)

O autor, ainda sobre o assunto, afirma que Drummond tenta fazer seu leitor refletir sobre as consequências do mal, e não só sobre a simbologia dele. Podemos perceber isso quando, no livro a figura de Hitler aparece apenas como uma sombra da dor causada nos personagens. Até mesmo o título “Hitler manda lembranças”, marca um certo distanciamento, mas ainda supõe uma certa influência do personagem no tempo presente.

Sobretudo, devemos ressaltar que o importante, nesse caso, não é lembrar do *Führer* como um ícone histórico. Devemos pensá-lo como “a cara de uma ideologia” que a consciência coletiva, jamais deve se deixar influenciar novamente. Seja no Brasil, na Alemanha ou em qualquer outra parte do mundo.

O livro *Hitler manda lembranças* contextualiza o Brasil dos anos 80, período em que a vida de seis funcionários é mesclada, uma vez que ambos fazem parte do topo de uma lista de 417 funcionários da multinacional *Brasil Corporation*, que ficarão

desempregados em breve. Entre eles imigrantes judeus fugindo do Holocausto, que ainda são seguidos pelo “fantasma” das ações de Hitler. Não apenas isto, mas também assombrados por outros personagens icônicos do Nazismo como o Doutor Joseph Mengele. Tudo se passa sob o olhar do narrador-personagem Paulo Franz, um funcionário no topo dessa lista de futuros desempregados.

Adam Cohen é o primeiro personagem que o narrador nos apresenta: Judeu, preso pela Gestapo durante a Segunda Grande Guerra. Acusado por um crime que não cometeu, AC não se permite a felicidade, pois acreditava que isso não honraria a memória de todos que perdeu no passado, inclusive a única mulher que amou: Eva. Além disso, o personagem perdeu todo seu dinheiro na busca incansável pelo médico Mengele:

Cohen sentia, às vezes, um quase incurável sentimento de vultura por estar vivo, quando toda família e a única mulher que ele realmente amou estavam mortos. É também certo que Cohen, em determinada fase, andava com uma agulha enfiada na parte de dentro da gola do paletó e, quando estava alegre, furava o dedo da mão esquerda com a agulha até brotar uma flor de sangue. Era, no entanto, mais do que uma penitência pelo pecado de estar vivo, uma homenagem a seus mortos. (DRUMMOND, 1984, p. 16)

Tendo a lista dos 417 futuros desempregados como plano de fundo, outras histórias de vida vão aparecendo, como a do próprio narrador, Paulo Franz. O mesmo, narra a história de seus colegas de trabalho perpassada pelas suas desventuras amorosas, em especial com: Stela e Luna.

A primeira, Stela, foi uma vítima da guerra. Seu pai foi assassinado pela Gestapo em uma praça de Berlim, e a

mãe morta numa câmara de gás de um campo de concentração para mulheres e crianças. Fora então criada por uma amiga da família, dentro de uma caixa d'água até seus cinco anos. Já Luna, melhor amiga de Stela, é uma espécie de representação de um novo tipo de juventude “pop” que surgiu no período pós-guerra. Luna era “complexa como as quatro luas”, e um tanto quanto contraditória. Esse contraste de personalidade entre as personagens é segundo o narrador, o que fez com que se apaixonasse por elas concomitantemente.

Os personagens do livro constantemente estão endividados e em crise, seja pelas dívidas firmadas em promessas – como a responsabilidade de viver a vida que seus antepassados não puderam graças a Shoah - ou financeiras. E ainda sim, se protegem como podem, tentando não se deixar derrotar por um Hitler fictício que permanece vivo em suas lembranças, causando dor e angústia aos sobreviventes do Nazismo e as pessoas a sua volta.

O imaginário e o real, a alucinação ocasional e o pesadelo recorrente fazem de maneira que Hitler, Mengele, a Gestapo e o Nazismo se transformem em realidade, pelo menos na mente daqueles que padeceram as atrocidades nazis. (LEVI, 2009, pág. 117)

As personagens femininas do livro são narradas através de um olhar duplamente masculino, uma vez que Drummond e o narrador Paulo Franz são homens. Ainda assim, são retratadas como personagens fortes, guerreiras e donas do seu próprio destino, mesmo que tendo suas famílias, planos e sonhos, dilacerados ou pela guerra, ou pela crise no Brasil.

Na obra, portanto, a mulher não aparece como um ser que espera para “ser salvo”. Em vários momentos do livro,

personagens femininas salvam a si mesmas e aos outros. Como o exemplo da personagem Frau Deutschland, amiga da família Mayer, que esconde Stela Mayer durante a infância em uma caixa d'água em Berlim para salvar a vida da menina.

Houve uma época de submissão das mulheres e enorme patriarcalismo que refletia na literatura. Neste período, as mulheres eram retratadas nos romances através da busca incansável pelo casamento, o que para muitas era a única forma de ascensão social. Além disso, um tempo em que as mulheres estavam quase que, na maioria das vezes, passivas à vontades alheias.

Este, felizmente não é o caso das personagens femininas de Drummond. Elas não são responsáveis só pela a gerência da casa e da família. As mulheres em *Hitler manda lembranças* trabalham, são donas de restaurantes, ocupam cargos em grandes empresas, falam várias línguas, viajam o mundo, têm linha de roupas própria, lutam contra as injustiças do mundo e etc.

Em seu livro intitulado *O segundo sexo*, Beauvoir fala sobre o tema e conta que há quem acredite que a mulher já ocupou um lugar de importância na literatura. Porém, para ela isso é um mito, já que o poder político sempre se deteve aos homens e na maioria das vezes, a mulher era descrita por um olhar masculino. Ela cita a possível existência de um tempo de “matriarcado”, porém, a própria autora não acredita fielmente nesse acontecimento:

Esses fatos induzem a supor que existia nos tempos primitivos um verdadeiro reinado das mulheres; foi essa hipótese proposta por Baschoffen que Engels retomou: a passagem do matriarcado para o patriarcado parece-lhe "a grande derrota histórica do sexo feminino". Mas, em verdade, essa

idade de ouro da mulher não passa de um mito. Dizer que a mulher era o Outro equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante: era além do reino humano que seu domínio se afirmava: estava portanto fora desse reino. A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens.” (SIMONE DE BEAUVOIR, 1980, p. 90)

Ainda sobre a mulher no romance, precisamos nos lembrar de que o livro conta história de mulheres advindas do imaginário de Drummond, mas que poderiam muito bem ser reais, uma vez que existem documentações de histórias semelhantes e o autor se baseou nelas para criar as personagens. Portanto, é relevante observar o que Souza conta sobre a mulher durante o Terceiro Reich na Alemanha, para entender o sofrimento das personagens de RD.

Souza 2013, nos apresenta um resumo apanhado histórico e expõe que durante o Terceiro Reich, a mulher ariana era vista como reprodutora ideal e responsável por reproduzir a raça ariana e, por isso, era dotada de muitos privilégios e suporte do estado. Em contrapartida, a mulher judia sofria com leis antissemitas que às inferiorizavam por supostamente não terem sangue alemão. Tudo isso, arquitetado para a segurança racial do povo que “merecia geneticamente” ser chamado de cidadão da Alemanha.

Quando mandadas aos campos de concentração, as meninas e as mulheres, assim como os homens eram obrigados a se despir, e ficarem nus na frente de muitas outras pessoas e oficiais nazis. Esse era então, para algumas o início do sofrimento, uma vez que essas meninas muitas vezes eram virgens e ainda não sabiam nada sobre sexualidade. Além disso, algo muito comum nos campos de

concentração eram os estupros que, muitas vezes, eram escondidos através do assassinato das vítimas. O que acontecia uma vez que os guardas, assim como os civis alemães, eram estritamente proibidos de manter relações sexuais com mulheres judias.

A judia grávida, além de não ter nenhum privilégio em detrimento das demais, era uma das primeiras pessoas a ser mandada para as câmeras de gás. Quando não, submetida à terríveis experiências médicas, sem nenhuma preocupação com ética científica ou direitos humanos.

Uma arma poderosa do nazismo para desestabilizar qualquer tipo de revolta era o combate a qualquer tipo de coletividade. Porém, ainda assim, as mulheres se organizavam e ajudavam umas às outras nos campos de concentração. As crianças, por exemplo, ficavam juntas e as mulheres revezavam-se para cuidar delas, visto que muitas vezes as mães eram separadas dos filhos. Tentavam assim, suprir a dor dessa separação.

Por meio de vários relatos de mulheres que passaram por campos de concentração, Souza fala sobre a força da mulher judia, algo que podemos constatar tanto na realidade, quanto na ficção de Drummond:

As experiências narradas desconstroem a suposta fragilidade do sexo feminino visto que as condições de trabalho nos campos eram similares a carga horária extenuante dos homens. A figura feminina se desenha do ressentimento e da dor e transforma-se em coragem para manter-se muitas vezes sozinha em meio às perseguições. Se em casa a mulher protegia e cuidava dos filhos no campo de concentração vêm à tona as dores, perdas, o silêncio, o rompimento com o hábito e o conforto do lar”. (SOUZA, 2013, p.11)

Além disso, o livro retrata claramente os sonhos que foram roubados dessas personagens. Vejamos, a seguir, uma fala de Eva, o amor da vida do Judeu Adam Cohen:

– Adam, esta noite eu não dormi – Disse Eva Zilberstein e ela estava com uma maçã vermelha na mão. – Fiquei pensando nas coisas que eu tenho para fazer na vida. Oh, Adam, Adam – ela disse e beijou a maçã vermelha –, eu tenho 365 coisas para fazer na vida. E não vou fazer nenhuma delas, por culpa de Hitler.

– Eu fico pensando, Adam, que não é justo – ela disse. – Não é justo um homem, como Hitler, e uma ideia, como o nazismo, aprisionarem as pessoas e os sonhos das pessoas – ela seguiu dizendo, e parecia ter vivido mais de 40 anos e, no entanto, não tinha chegado aos 17 anos. – Não é justo, Adam, não é justo. Não...

De todos os personagens do livro, escolhemos analisar com um enfoque maior Stela Mayer. Uma vez que, seu pai foi morto em uma praça pública em Berlim no mesmo momento em que sua mãe foi levada para o campo de concentração de Ravensbrück, local onde morreu nas câmaras de gás.

Stela então, enquanto criança, ficou sob os cuidados de Frau Deustchland, uma amiga da família. Frau escondeu a menina em uma caixa d'água nos fundos de sua casa em Berlim por vários anos, até que fosse seguro para a menina sair de lá. Nessa época, graças a situações limites e o medo constante à que foi submetida Stela acumulou cicatrizes que a acompanharam ao longo de sua vida. Isso influenciou todas suas ações e até mesmo a formação de sua personalidade. Leles faz uma análise sobre isso:

Até os cinco anos de idade, para enganar a Gestapo, Stela sobreviveu numa caixa d'água que

ficava nos fundos da casa de Frau. Na trama, a caixa d'água, uma espécie de poço, é metáfora das situações-limite na Shoah. Estar preso num poço, isto é, num lugar profundo, num abismo, é ser condicionado à solidão, a angústia, ao sufocamento e ao desespero". (LELES, 2008, p. 127)

Quando Frau morre, Stela imigra para o Brasil, onde passa a morar com uma tia. Daí em diante podemos perceber que as atitudes da personagem são consequências do que aconteceu a ela e sua família em Berlim. Assim, a personagem graduou-se em jornalismo e aprendeu vários idiomas, objetivando descobrir o que houve com sua mãe nos campos de concentração, uma vez que ela poderia ter convivido com pessoas de diversas nacionalidades.

Tudo o que sabemos sobre Stela, é advindo do imaginário do narrador Paulo Franz, e os relatos da personagem a ele. Pelas informações do livro, sabemos que os dois têm um romance e ela confia à ele suas angústias e anseios. Quando então, o narrador trai a personagem, ele justifica suas ações nos traumas de Stela e sua incapacidade de ser leve:

Na verdade, a Stela nem sempre se permitiu as alegrias e os prazeres deste mundo (o que me inocenta, pelo que iria acontecer mais tarde)... E a razão de Stela ser assim, estava ligada ao que aconteceu a seus pais, e a ela própria, na Alemanha Nazista, quando Berlim estava sendo bombardeada pelos Aliados e a sirene do alarme tocava" (ROBERTO DRUMMOND, 1984, p. 29)

Paulo Franz se apaixona pela melhor amiga de Stela, Luna, e fica com as duas ao mesmo tempo. Sempre que ele conta sobre o passado de Stela percebe-se a tentativa de justificar nele, sua infidelidade, uma vez que a moça se

priva dos prazeres da vida em nome da “não traição” de seu passado.

Stela representa a segunda geração judia à sofrer com a Shoah. Ela aparentemente era alegre, porém, ficava triste repentinamente, e sempre falava melancolicamente sobre seu passado. Além disso, a personagem evitava confortos materiais, e apesar de ser uma mulher rica, sempre tomava um ônibus ao invés de andar de táxi – algo que tinha condições de pagar. Leles 2008, afirma à esse respeito, que todas as atitudes da personagem estão relacionadas às cicatrizes deixadas pela Shoah.

O maior desejo de Stela é voltar a Berlim e dar continuidade a vida de seus pais. Podemos pensar nesse ponto, que ela não se sente confortável no Brasil, uma vez que se nada tivesse acontecido aos seus pais, ela nunca estaria em outro lugar se não a Alemanha. Portanto, para ela, a Alemanha é o único lugar onde ela poderia se casar, ter filhos e assim, dar continuidade ao legado de seus pais. Além disso, apenas lá, poderia conversar com pessoas que conheceram seus pais, e descobrir o que eles esperavam da vida, já que Stela não teve tempo de ouvir isso deles. Ela carrega em si a responsabilidade de viver a vida honrando fantasmas do passado.

Ela é uma mulher aparentemente alegre. No entanto, está sempre evitando os confortos materiais, as alegrias e os prazeres da vida. Nos momentos de distração e divertimento ela, repentinamente, se entristece, pois, ao se sentir feliz, ela se recorda de todo sofrimento que o nazismo causou a sua família. A vida da personagem é marcada pelo triste passado de seus pais e pelas lembranças de Berlim: das suas experiências pungentes de confinamento e de privações. (LELES, 2008, p. 127)

Antes de se envolver com Paulo Franz, Stela era noiva de um Alemão antissemita, à quem ela comparava com Hitler; “meu Hitler de óculos”. Para ela, ela era a Alemanha, e Wether seu Hitler. Ela era submetida a ele, assim como a Alemanha, à figura do *Führer*.

Esse relacionamento, é também um reflexo da relação da personagem com seu passado, e seu sentimento de culpa por não ter sido morta pelo Nazismo como seus pais foram. Ela então, à partir disso, tenta reconstruir para si, uma vida moldada pela Shoah, com vivências fictícias que remontam como os sobreviventes diretos da catástrofe lidariam com suas experiências e emoções. A fim de suportar o peso da sobrevivência.

Stela se sente culpada por estar viva, por ter sobrevivido ao Holocausto, mas expressa a sua culpa de uma maneira diferente. durante o dia, sente-se resignada e passiva: “Hitler está vivo. dentro de mim, Hitler está vivo, porque fez tudo aquilo de mal que me aconteceu” (48). À noite, ao invés, Stela sonha com a sua autodestruição ou, através do fenômeno da auto-identificação, sonha com Berlim a arder em chamas: “cada noite sonho de ser um edifício em chamas [...] desejava que Berlim pegasse fogo [...] deve ser assim” (49). o fogo poderia ter acabado com o sofrimento de stela; contudo, teria destruído a sua amada cidade”. (LEVI, 2009, pág. 118)

Considerações finais

Podemos concluir nossas reflexões dizendo que, há muito ainda a explorar no romance de Drummond. Há outras personagens mulheres, além de Stela, com coragem para enfrentar desafios, apesar das cicatrizes e memórias da guerra que carregam em si.

Personagens estas que poderão nos ajudar em nossas próximas pesquisas a recompor o quadro tanto do Brasil na Segunda Guerra, como das atrocidades cometidas por Hitler e suas consequências ao longo deste século.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

DRUMMOND, Roberto. **Hitler manda lembranças**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GUELF, Maria Lúcia Outeiro Fernandes. **Narciso na sala de espelhos**: Roberto Drummond e as perspectivas pós-modernas da ficção. Rio de Janeiro, 394 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1994. p.10.

IGEL, Regina. Memórias do Holocausto. In: **Imigrantes judeus**: escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira. Perspectiva: São Paulo. 1997.

KERSHAW, Ian. **Hitler**: um perfil do poder. Rio de Janeiro: Zahar. 1993.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras**: mulheres judias e prostituição – as polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

LELES, Lilian. Um retrato da Shoah no romance **Hitler manda lembranças**, de Roberto Drummond. In: **The Hebrew University of Jerusalém**, Vol I, Feb. 2008.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. RJ: Imago. 1995.

LEVI, Joseph Abraham. **Duas imagens do Judaísmo brasileiro**: O caso de Pessah; **A Travessia** de Carlos Heitor Cony e **Hitler manda lembranças** de Roberto Drummond. University of Hong Kong, 2009.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** . Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco. 1988.

LUKACS, John. **O Hitler da História**. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. Ed. Ulbra. Canoas. 1996, p. 100,

OLIVEIRA, Silvia de Cassia Rodrigues Damascena de. **A Literatura pop de Roberto Drummond**: arte pop, referencialidade e ficção.

2008. 2 v. Tese (doutorado) -Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106340>.

SCLIAR, Moacyr. **A condição judaica**: das tábuas da lei à mesa da cozinha. L&PM, 1985 Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SILVA, Mauricio. **Estudo da ficção de Roberto Drummond sob a perspectiva bakhtiniana**: uma introdução. UFTM. 2011.

SLAVUTZKY, Abrão. História do levante do Gueto de Varsóvia. In: **O dever da memória**: o levante do Gueto de Varsóvia. Porto Alegre: AGE/Federação Israelita do Rio Grande do Sul. 2003, p. 17-57.

SLAVUTZKY, Abrão. Sobre os afogados e os sobreviventes. In: **WebMosaica revista do instituto cultural judaico marc chagall** v.1 n.1. 2009.

SOUZA, Lilian Ferreira de. A trajetória de vida das mulheres judias, sobreviventes do Holocausto: relatos orais”. In: **Revista Arquivo Maaravi**. Vol 7, número 12, Belo Horizonte: UFMG. 2013.

Sites - Entrevista do autor para o Programa Gente (último acesso: Junho de 2015):

<https://www.youtube.com/watch?v=2nKwpWOjcaE>

https://www.youtube.com/watch?v=WhAi_z0f7qg

https://www.youtube.com/watch?v=O5PW3n9Z_vI

<https://www.youtube.com/watch?v=1rcC79C0PmU>

Recebido em 2015-08-20

Publicado em 2016-04-15